

## **O Esquematismo a serviço dos Regimes totalitários: um Estudo Sobre a Persuasão em 1984 e no Estado Novo<sup>1</sup>**

Jéssica Peixoto ELLWANGER<sup>2</sup>

Rafael Eisinger GUIMARÃES<sup>3</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetos de análise a obra literária *1984*, de George Orwell (1903-1950), e o período histórico brasileiro conhecido como Estado Novo, liderado por Getúlio Vargas (1937-1964). Ambos os objetos de estudo se assemelham. A história ficcional se passa no contexto de um regime totalitário e foi escrita pouco tempo após o término da II Guerra Mundial. Já o governo autoritarista brasileiro teve início no mesmo ano da Segunda Grande Guerra. Encontramos semelhanças também no fato de as formas, midiáticas de diversão serem frutos da Indústria Cultural, com sua forma esquemática de produzir entretenimento. Dessa forma, nosso problema de pesquisa é quais as relações persuasivas existentes entre *1984* e o Estado Novo? E nosso objetivo é entender as relações persuasivas existentes, no âmbito dos regimes totalitários e da Indústria Cultural, entre o livro e o fato histórico.

**PALAVRAS-CHAVE:** *1984*; Estado Novo; Indústria Cultural; persuasão, regimes totalitários.

### **INTRODUÇÃO**

A história de *1984* acontece em um mundo pós-guerra dividido em três grandes blocos: Eurásia, Lestásia e Oceânia, continente no qual a narrativa se passa. Essas três potências estão em constante confronto. E, assim como a Oceânia está em guerra com a Lestásia, em dado momento, a Eurásia passa a ser o inimigo em outro. Na obra de

---

<sup>1</sup>Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), email: jessica95ellwanger@gmail.com.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), email: jessica95ellwanger@gmail.com.

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), email: guimaraes@unisc.br.

---

George Orwell, a população oceânica vive em um regime totalitário conhecido por Socialismo Inglês (Socing), que, dentre outras medidas, proíbe falas ou pensamentos negativos a respeito do Partido, além de exercer vigilância constante sobre a população. O líder do governo é o Grande Irmão, figura representada em pôsteres espalhados por todo lugar e que assumiu a liderança após a Grande Guerra.

O livro conta a história de Winston Smith, membro do partido externo que trabalhava no Ministério da Verdade alterando dados e informações divulgados anteriormente nos meios de comunicação oceânicos. O personagem principal, ao contrário da maioria dos outros membros do partido, não se deixa manipular e passa a questionar o regime em que vive. Dessa forma, ao longo do livro acompanhamos toda a trajetória dele até o momento em que é preso, acusado de traição.

O Estado Novo é o primeiro regime totalitário brasileiro e foi liderado por Getulio Vargas (1882-1954). Iniciou em novembro de 1937 e terminou em outubro de 1945 e, além da centralização do poder no Executivo, caracterizou-se pela restauração de órgãos de censura e repressão para que assim tudo o que fosse dito, escrito e veiculado a respeito do governo pudesse ser controlado.

O principal objetivo da política interna estado-novista era garantir que tanto as classes mais baixas quanto as dominantes não se voltassem contra o governo. Dessa forma, conforme afirma Nelson Garcia a burguesia industrial bem como as oligarquias agrárias eram beneficiadas por diversas medidas e, por isso não participavam de manifestações nem faziam oposição ao regime. Já a classe média por ter medo da repressão e visto que não era permitida a criação de novos partidos, também não se opunha ao Estado Novo de Vargas. E mesmo sendo a mais prejudicada, a classe operária se mantinha passiva também por medo da repressão, mas principalmente, porque os sindicatos estavam impossibilitados de agir contra o governo.

### **Regimes totalitários e Indústria Cultural: a mídia a serviço de uma ideologia**

A palavra totalitarismo só passou a ser usada massivamente para fazer referência a regimes autoritários durante a Guerra Fria (1947-1953). Com a popularização do

---

termo, diversos autores buscaram identificar as características comuns a um governo totalitarista, sendo a classificação melhor aceita a de Leonard Schapiro. O autor afirma que o conjunto de particularidades que confirmam se determinado governo é autoritário são: a existência de uma sociedade de massa como uma pré-condição ao governo autoritário, a afirmação, por parte do Estado, que está com o domínio total da sociedade, e, por fim, o governo alegar que tem o poder de controlar todos os assuntos que estejam relacionados à moral e à consciência. (Leonard Schapiro, 1981, apud ORR, 1999, p. 123) Embora tal categorização seja bastante criticada por pensadores como Robert Orr, é através dela que podemos atribuir o primeiro ponto comum entre a distopia de Orwell e o Estado Novo de Vargas: ambos são regimes totalitários ambientados no contexto da II Guerra Mundial.

George Orwell começou a escrever *1984* em 1948, mas a obra só foi lançada no ano seguinte. Tal fato nos ajuda a entender a visão pessimista do autor para com o futuro. Afinal, como afirma Rudinei Kopp (2011), se ao longo do século XX houve um salto na expectativa de vida mundial, na quantidade de pessoas que passaram a ter acesso à educação e se, de maneira geral, a qualidade de vida melhorou devido aos diversos avanços tecnológicos e científicos, foi nessa época também que as marcas dos regimes totalitários, a força da censura e a dor de tantos massacres mais foi sentida.

Ao contrário de *1984*, o Estado Novo teve início no mesmo ano da II Guerra Mundial e, dessa forma, mesmo que o então presidente Getúlio Vargas não admitisse, o nazismo teve grande influência no primeiro regime totalitarista brasileiro, principalmente na forma de se fazer propaganda. Conforme afirma a autora Maria Capelato “O varguismo não se define como fenômeno fascista, mas [...] a organização e o funcionamento dos órgãos produtores da propaganda política e controladores dos meios de comunicação revelam a inspiração europeia.” (CAPELATO, 1999, p.167). E não só a forma de se fazer propaganda política foi inspirada no nazismo, como também a maneira que a ideologia do governo seria trabalhada com a população.

Muito ligada à forma com que as produções artísticas e, de certa forma, a propaganda aconteciam nos regimes totalitários do século XX, a Indústria Cultural, termo cunhado pelos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer

---

(1895-1973), faz analogia à automação das grandes indústrias, nas quais é criado um molde e através dele milhares de peças idênticas são produzidas.

Além disso, Indústria Cultural se contrapõe à expressão cultura de massa que, para os autores, “trazia uma confusão ao dar a entender que cultura de massa referia-se à cultura produzida de maneira espontâneas pelas massas populares.” (ADORNO; HORKEIMER 1962, p.105). Para eles, a sociedade não tinha como produzir ou consumir produtos culturais críticos, que são aquelas formas de entretenimento que não possuem ligação com o cotidiano, uma vez que a comunidade estava permeada de falsidade.

Adorno e Horkeimer defendiam que a Indústria Cultural era baseada no esquematismo, uma vez que “os produtos mecanicamente diferentes acabam por se revelar sempre como a mesma coisa” (ADORNO; HORKEIMER 1962, p.105). Ou seja, o mesmo conteúdo veiculado nos programas de rádio era reproduzido nos cinemas, sendo que a única mudança era a adaptação na forma em que tal entretenimento seria exibido nesta ou naquela mídia.

Tal forma, esquemática, de se produzir conteúdos foi benéfica também aos partidos políticos, principalmente os de cunho totalitário. Isso porque não fazer parte da sociedade industrial e cultural não é uma opção, sendo assim as pessoas “passam a ser a ideologia da indústria de diversão.” (ADORNO; HORKEIMER 1962, p.148) Ou seja, consumir os conteúdos veiculados passa a ser uma questão de necessidade e, dessa forma, os regimes totalitários conseguem fazer o povo acreditar que possuem uma (falsa) opção de escolha. Nas palavras do autor Alexis Tocqueville:

A tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós. (TOCQUEVILLE, 1998, p.151)

Sabemos que foi através da Indústria Cultural que os meios de comunicação passaram a disseminar ideologias e, dessa forma, a manipular as massas, da mesma forma como entendemos que tal fato foi de extrema importância para o surgimento e, principalmente, manutenção de regimes totalitários ao longo do século XX. Sendo assim, estudaremos, a partir do âmbito da persuasão, quais as semelhanças entre a obra

---

1984 e o Estado Novo no contexto, primeiramente, dos regimes totalitários e, posteriormente, da Indústria Cultural.

### **Regimes totalitários, repressão e manipulação: entre a ficção e a realidade**

Reprimir ou censurar intelectualmente a população de um país é um dos principais passos para a instauração de um regime totalitário. Bem como manipular as informações que serão divulgadas, de forma a dar a entender que o país nunca esteve em tão amplo desenvolvimento. Na obra *1984*, podemos observar de maneira clara as estratégias do Partido para exercer a repressão, ao manipular as informações que seriam recebidas pelo povo. Mas também no regime de Vargas encontramos indícios de tais censuras e fraudes que puderam ser confirmadas ao estudarmos as características do governo.

No livro *1984*, observamos que a censura acontece de diversas maneiras. A primeira delas, conforme apresenta Kopp (2011), é a destruição do idioma nativo, a Velhafala, e a instauração da Novafala. Na narrativa de Orwell, o objetivo da Novafala é apresentado por Syme, camarada do personagem principal, Winston Smith. Eles estão almoçando juntos quando Syme, após afirmar que Winston não admira a Novafala, questiona se o amigo desconhece o verdadeiro significado dessa e sem esperar por uma resposta, diz:

"No fim teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo. Todo conceito de que pudermos necessitar será expresso por apenas *uma* palavra, com significado rigidamente definido [...]." (ORWELL, 1949, p. 68-69, grifos do autor)

O principal objetivo da Novafala era “tornar impossível a elaboração e a expressão de qualquer pensamento contrário ao regime.” (KOPP, 2011, p.179) Dessa forma, palavras, expressões e frases que pudessem ser a base de qualquer discurso ou pensamento anti-governo eram banidas. No momento em que Syme diz que o pensamento-crime se tornará impossível, porque não haverá palavras para expressá-lo, é que podemos entender qual o propósito do governo: garantir que se tornasse inviável qualquer discurso ou pensamento contrário ao regime.

---

A possivelmente mais eficaz forma de censura dos pensamentos promovida pelo Partido era a existência das Ligas da Juventude e dos Espiões, afinal, desde cedo, as crianças eram treinadas para agir de acordo com os interesses do Socing. É o que podemos observar na fala de Parsons, vizinho de Winston, ao contar sobre as peripécias de seus filhos: “já lhe contei da vez em que aqueles dois delinquentes que eu tenho lá em casa tocaram fogo na saia da velha lá do mercado, porque viram ela embrulhar salsicha num pôster do G.I. [Grande Irmão]?” (ORWELL, 1949, p. 80) A partir dessa passagem, podemos afirmar que ao participarem desses “grupos [as crianças] 'transformavam-se em pequenos selvagens incontroláveis', adoradores permanentes do Partido.” (KOPP, 2011, p.180) A adoração dos jovens para com o Partido e o Grande Irmão era tamanha que, se desconfiassem que alguém agia de forma diferente do habitual, imediatamente entregavam o traidor para a Polícia do Pensamento ou faziam coisa pior, mostrando, assim, que apesar da pouca idade, eram capazes de tudo para servir ao regime.

Justamente por terem poucas experiências de vida, as crianças podem ser facilmente convencidas de que, se agirem de determinada maneira, estarão agradando ao Grande Irmão. Dessa forma, elas crescerão com esse pensamento de se comportar de acordo com a vontade do líder do Partido e se tornarão adultos alienados, que não produzem seus próprios pensamentos, apenas reproduzem a ideologia do governo.

Ao passo que ocorria a repressão intelectual dos membros do Partido externo, na obra de Orwell, acontecia também a censura e manipulação dos meios de comunicação. “A condição de controle das informações é total, sejam elas relacionadas às notícias cotidianas, sejam elas referentes à história da Oceânia.” (KOPP, 2011, p. 180) A razão para que tais mudanças acontecessem é que o Grande Irmão nunca poderia estar errado ou entrar em contradição.

Um dos slogans do Partido diz: “Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado.” (ORWELL, 1949, p. 291) A primeira parte é bastante lógica. Afinal, o futuro é consequência dos atos passados. Mas é na segunda sentença que podemos entender como funciona a manipulação na Oceânia. Para o governo oceânico, o passado é mutável e adaptável de acordo com a realidade

que vivenciada. E é exatamente isso o que podemos observar no diálogo de Winston, após ser preso por trair o governo, com O'Brien, membro do Partido interno:

“Olhe nos meus olhos. Com que país a Oceânia está em guerra?”

Winston refletiu. [...]

“Não me lembro.” “A Oceânia está em guerra com a Lestásia. Lembra agora?”

“Lembro.”

“A Oceânia sempre esteve em guerra com a Lestásia. Essa guerra existe, sem interrupções, desde o seu nascimento, desde a fundação do Partido, desde o princípio da história, sempre a mesma guerra. Lembra disso?”

“Lembro.” (ORWELL, 1949, p. 301)

Tal forma de manipulação é conhecida como duplipensamento, que pode ser considerado um “método de ‘controle da realidade’ que permite alterar, por exemplo, a história, negando e inventando acontecimentos e eliminando qualquer referência a qualquer coisa que entre em conflito com as concepções do Partido.” (KOPP, 2011, p. 179). E é exatamente o duplipensamento que observamos no diálogo entre O'Brien e Winston. Afinal, a verdade é que meses antes, a Oceânia estava em guerra com a Eurásia, conflito esse que já durava mais de quatro anos, e a Lestásia, até então, era sua aliada. Foi de repente, porém, que se anunciou que a Oceânia estava em guerra com a Lestásia e que sempre foi assim, como menciona O'Brien.

Sabemos que os interesses políticos que dão início a uma guerra são os mesmos que transformam inimigos em aliados, mas admitir à população oceânica que o inimigo mudou é o mesmo que reconhecer que o Partido e, conseqüentemente, o Grande Irmão, estava errado. Dessa forma, o que se faz é levar essa nova informação à população ao mesmo tempo em que se afirma, como faz O'Brien, que a guerra sempre fora contra a Lestásia. Há um trecho na narração de Orwell em que Winston reflete a respeito do duplipensar. Reflexão que explica exatamente a maneira como a manipulação funcionava:

Saber e não saber, estar consciente e mostrar-se cem por cento confiável ao contar mentiras construídas laboriosamente, defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam uma à outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas; [...] Esta a última sutileza: induzir conscientemente a inconsciência e depois, mais uma vez, tornar-se inconsciente do ato de hipnose realizado pouco antes. Inclusive entender

---

que o mundo em “duplipensamento” envolvia o uso do duplipensamento. (ORWELL, 1949, p.48)

Em contrapartida a *1984*, que voltava sua censura à população da Oceânia, no Estado Novo o controle era para com os meios de comunicação, como rádio, jornais, cinema. Essa diferença acontece, principalmente, pois o regime estado-novista surgiu a partir de um golpe de estado e o regime oceânico se deu, pelo o que podemos observar por meio de leitura da obra, após uma grande guerra que dividiu o mundo em três continentes.

Outro fator que deve ser levado em conta é que no regime de Vargas, repressão e manipulação aconteciam juntas. Isso se dava pois, ao mesmo tempo que o governo precisava censurar determinados temas e comentários, tinha que encontrar maneiras de fazer o povo acreditar que estava tudo acontecendo da melhor maneira possível.

Devemos observar, contudo, que embora o foco da repressão estado-novista esteja nos meios de comunicação, a população do país também sofria com a falta de liberdade de expressão, visto que boa parte das informações que recebiam era a respeito do governo. É o que podemos verificar no trecho abaixo, no qual são destacados alguns dos muitos assuntos que se tornaram proibidos com a Constituição de 1937:

Havia uma série de assuntos e notícias proibidos pelo DIP — por exemplo, notícias que mostrassem ou sugerissem descontentamento ou oposição ao regime; temas ou notícias relativos a problemas econômicos (transporte, abastecimento, escassez e alta de preços dos produtos); divulgação de acidentes, desastres, catástrofes, naufrágios, queda de avião; incidentes como brigas, agressões, crimes, corrupção, suborno, processos, inquéritos, sindicâncias etc. (CAPELATO, 1999, p.175)

A partir dessa citação da Maria Capelato, na qual ela faz um resumo de todos os assuntos proibidos pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), podemos fazer uma ligação do Estado Novo com o autoritarismo do Partido em *1984*. Conforme vimos anteriormente, a censura e manipulação na Oceânia, por parte do Grande Irmão, aconteciam de tal forma que, além de toda informação divulgada ser previamente controlada, assim como acontece no Estado Novo, as pessoas também eram submetidas ao duplipensamento, que fazia com que elas acreditassem em duas coisas totalmente opostas ao mesmo tempo.



Sendo assim, podemos observar que “censura e propaganda estavam intimamente ligadas, no período, já que as atividades de controle, ao mesmo tempo que impediam a divulgação de certos assuntos, impunham a difusão de outros.” (GARCIA, 1982, p.157) Conforme apresenta Capelato (1999), a intenção de Vargas ao impor que assuntos de interesse do Governo fossem divulgados, é criar aproximação do povo com o governo, além de ser uma forma de divulgar os atos do regime, de modo a tornar Vargas e seus apoiadores exemplos para os cidadãos.

Ao observarmos tal imposição, encontramos outro motivo para a proibição de determinados temas nos veículos de comunicação brasileiros: os assuntos divulgados na imprensa eram de interesse do governo, ou seja, divulgavam medidas que visavam o bem-estar do povo, anunciavam parceiros políticos, além de entreter a população. Agora, se junto a essas matérias sobre o governo os programas de rádio e jornal divulgassem, também, informações sobre violência, crises, entre outros, a atenção da população naturalmente se voltaria a tais polêmicas, deixando, dessa forma, as virtudes do regime esquecidas. Entretanto, em um regime totalitário, é necessário que haja apoio popular para com o governo, fato que não ocorreria se não houvesse a censura dos meios de comunicação.

Também aqui, nessa intervenção do governo no que poderia ou não ser transmitido pela mídia, podemos observar ligação com *1984*. Na obra de Orwell foi criado um dicionário para que pouco a pouco as palavras que pudessem ser usadas para denegrir o governo fossem extintas. Mas no Brasil, ao invés da criação da extinção de determinadas palavras, o Governo proibiu, como vimos acima, a divulgação de diversos assuntos nos meios de comunicação ao passo que impunha a veiculação de notícias sobre o regime.

Como foi possível observar ao longo desta seção, censura e manipulação de informação estão intimamente ligadas na forma dos governos exercerem a persuasão sobre a população. Mas também os meios de comunicação que eram censurados, na obra *1984* e no Estado Novo, estão relacionados à forma como a informação era dirigida à população, bem como a maneira como o entretenimento era reproduzido.

---

**Indústria cultural: o entretenimento como ferramenta para a persuasão**

No livro *1984*, além de servirem para controlar o que os membros do Partido externo estão fazendo, as teletelas têm a função de levar as informações sobre o Partido para a população. Assim, como apresenta Kopp (2011, p. 203): “a teletela veicula informações sobre a situação na Oceânia. Os conteúdos informativos mais recorrentes dizem respeito à guerra [...] e às realizações do Grande Irmão para o povo.” A difusão de informações era constante. Conforme apresenta Kopp (2011), desde o momento em que o indivíduo acorda, até a hora em que vai dormir, a teletela está controlando sua vida e trazendo as novidades sobre o Partido. Podemos observar tal fato no trecho a seguir:

Estatísticas fabulosas continuavam brotando da teletela. Em comparação com o ano anterior, havia mais comida, mais roupas, mais casas, mais móveis, mais painéis, mais combustível, mais navios, mais helicópteros, mais bebês - mais tudo, exceto enfermidade, crime e loucura. (ORWELL, 1949, p. 76)

A partir dessa passagem, especificamente no fragmento que diz “mais tudo, exceto enfermidade, crime e loucura”, podemos deduzir que, normalmente, as informações divulgadas eram positivas, e, além disso, conseguimos notar que há sempre o cuidado de acrescentar itens que despertarão o interesse dos membros do Partido, como quando diz “mais comida, mais roupas, mais casas.” Sendo assim, somos capazes de afirmar que a divulgação de informações positivas e ainda de dados que são de interesse da população não são usados por acaso, mas sim foram uma maneira encontrada para fazer a população da Oceânia ser grata ao Grande Irmão.

É importante ressaltar, conforme traz Kopp (2011), que o conteúdo informativo disseminado pelas teletelas é extremamente condicionado e propagandístico, dessa forma não há, aqui, espaço para entretenimento. “Ele é deliberadamente programado para fazer o poder entrar nas casas e deixar claro que a voz do Partido está ali, que nada foge ao controle e que há uma verdade [...]” (KOPP, 2011, p.204) Para que fique ainda mais definitivo o poder exercido pelo Partido, faz-se uso de expressões cujo objetivo é voltar a atenção da pessoa para o que se está sendo transmitido, fazendo, assim, com que esta deixe de lado seus afazeres e absorva o que está sendo anunciado:

---

Atenção! Atenção, por favor! Uma notícia-relâmpago acaba de chegar do fronte malabarense. Nossas forças obtiveram gloriosa vitória no sul da Índia. Estou autorizado a afirmar que a ação que noticiamos neste momento pode perfeitamente deixar a guerra a uma distância mensurável do final. Eis a notícia-relâmpago... (ORWELL, 1949, p. 37)

Por fim, podemos observar, como apresenta Kopp (2011, p. 206), que “a teletela é a encarnação tecnológica do Grande Irmão capaz de levar a verdade, disciplinar corpos e mentes, vigiar e monitorar e, principalmente, moldar a vida.” De tal forma, quando algum anúncio é feito através da teletela, é como se fosse o próprio Grande Irmão a falar aquilo.

Se na distopia orwelliana a teletela é a voz do Grande Irmão, no Estado Novo o rádio cumpria tal papel. Não de ser a voz de Vargas, mas sim de levá-la a todos os lugares do país, fazendo com que seus discursos alcançassem o máximo possível de pessoas. O uso do rádio no regime getulista se justifica por duas razões: a primeira delas é a rápida difusão que o meio tinha e a segunda, possivelmente sendo ainda mais importante que a primeira, é que como boa parte da população brasileira daquela época era analfabeta, o uso do rádio permitia também a essas pessoas a recepção dos ideais do presidente.

Para isso, a *Hora do Brasil* exercia papel fundamental para a disseminação de informações a respeito do que se sucedia no país. O programa era transmitido “diariamente, no horário das 19 às 20 horas, em que a maioria das pessoas encontrava-se em condições de ouvir.” (GARCIA, 1982, p. 147) Em contrapartida à teletela, as informações a respeito do governo não eram anunciadas a qualquer hora, esperava-se até às 19h para que assim boa parte da população fosse informada ao mesmo tempo. Isso se dava pois, ao contrário do regime orwelliano, no qual podemos encontrar teletelas em todos os lugares, os rádios eram encontrados apenas nas casas das pessoas.

Garcia (1982, p. 146) apresenta que “o número de radiorreceptores [sic] aumentou, durante o Estado Novo, de 357.921 aparelhos em 1939 para 659.762 aparelhos licenciados em 1942.” Dessa forma, podemos relacionar a presença das teletelas nos apartamentos dos membros do Partido com os rádios presentes nas casas da população brasileira ao longo do Estado Novo. Se lá, na distopia, eram impostas à população as teletelas, aqui, no Brasil, o rádio era o desejo de, senão toda, boa parte da

população. Sendo assim, aqui, como lá, o Governo se aproveitou de tal circunstância para disseminar sua ideologia.

No que tange ao entretenimento, é possível encontrar também semelhanças entre os regimes do Grande Irmão e de Vargas. A forma de entretenimento mais conhecida e aceita na distopia de Orwell é o cinema. O cinema em *1984* pode ser dividido em duas funções: a primeira delas trata-se dos “Dois minutos de ódio”, momento no qual as pessoas se reúnem para odiar os inimigos do Grande Irmão e, conseqüentemente, da Oceânia.

O segundo uso se dava para reproduzir filmes com a temática da guerra, uma forma de entreter sem fugir da realidade daquele povo. O público se divertia com cenas da mais pura barbárie, na qual se mostravam pessoas feridas de guerra, em seus momentos finais de vida. Como podemos observar no trecho que se segue quando Winston comenta a reação do público ao assistir um desses filmes:

Ontem à noite cineminha. Só filme de guerra. Um muito bom do bombardeio de um navio cheio de refugiados em algum lugar do Mediterrâneo. Público achando muita graça nos tiros dados num gordão que tentava nadar para longe perseguido por um helicóptero. [...] (ORWELL, 1949, p. 18-199)

A partir desse trecho, é possível observarmos que em alguns momentos, no decorrer da narrativa, Winston faz referência às bombas que são lançadas e atingem, principalmente, os proletários. Na exibição, encontramos basicamente a mesma cena: um homem fugindo dos tiros que são projetados nele.

Claramente, tal relação não é por acaso. Como tudo o que o Partido faz, reproduzir filmes que tenham ligação com a vida dos membros do Partido e do proletariado tem uma intenção. E essa, como apresenta Kopp (2011, p.210), é prever “o desprezo pelo afeto ou a falta absoluta de compaixão.” Isso porque o Partido sabe que podem ocorrer, como de fato já aconteceram, cenas assim no cotidiano das pessoas. Dessa forma, é preciso evitar de todas as maneiras que a vida na Oceânia pare quando tais eventos se sucederem.

A música, na Oceânia, para os membros do Partido, tem caráter menos de diversão e mais informativo e militar. As canções ficavam tocando sempre quando não se estava noticiando nada nas teletelas e em boa parte das vezes que Winston precisa

---

falar a respeito das composições reproduzidas refere-se a elas como estridentes, metálicas, militares.

“Na teletela, uma voz feminina estridente entoava uma canção patriótica. Winston olhava fixamente para a capa marmorizada do caderno, tentando eliminar aquela voz da sua consciência. [...] A mulher principiara outra canção. Sua voz parecia cravar-se no cérebro de Winston como cacos pontiagudos de vidro.” (ORWELL, 1949, p.123-124)

As canções, em sua maioria eram patrióticas. E, justamente, por estarem tão voltadas à Oceânia que precisavam ser repetidas inúmeras vezes cravando-se no cérebro das pessoas, pois dessa forma, inconscientemente, tais composições deixariam de ser apenas músicas do Partido e passariam a ser a visão da população perante à realidade oceânica.

As principais formas de entretenimento do Estado Novo, assim como na Oceânia, eram o cinema e as músicas veiculadas ao longo das programações de rádio. Naquela época, o cinema não era acessível a todas as classes sociais, dessa forma, apenas os mais ricos podiam dar-se ao luxo de ir a um dos muitos espaços que foram “construídos exclusivamente para cinema, com aparelhamento moderno, ar refrigerado e todos os demais requisitos de conforto e segurança.” (GARCIA, 1982, p.149) O cinema brasileiro no Estado Novo contraria o regime oceânico, no qual o acesso era para todas as classes. Entretanto, podemos observar que há vantagem nessa desigualdade brasileira.

O fato de o cinema ser acessível apenas aos membros mais ricos da sociedade brasileira proporciona ao governo, através do uso da censura, que os filmes e documentários reproduzidos sejam uma forma eficaz de divulgar a ideologia varguista a essa parte da população. “A utilização do cinema para a propagação do regime se fazia através de documentários, de exibição obrigatória, que mostravam as [...] realizações do governo e os atos das autoridades.” (GARCIA, 1982, p.149) De tal forma, podemos observar que o governo brasileiro mantinha sempre a mesma estratégia de trazer informações e entretenimento sem deixar de exaltar Getúlio Vargas e seus feitos.

A música com a instauração do Estado Novo passa por uma revolução. Até o início do regime as músicas faziam "elogio à malandragem, caracterizando o trabalho

---

como um longo e penoso sofrimento.” (GOMES, 1999, p.59) Observa-se a mudança de tal fato quando Vargas passa a incentivar a produção de músicas que valorizassem o trabalho, bem como o regime.

Com essa mudança, as canções que valorizavam o trabalho, assim como o governo, passam a ser divulgadas ao longo das programações das rádios, tornando-se uma outra forma de divulgar o governo. O mesmo podíamos observar na Oceânia, onde as músicas exaltavam o Partido e eram divulgadas pelas teletelas, em meio às notícias sobre os acontecimentos da nação.

Se o cinema, ao longo do Estado Novo, pode ser observado como uma forma de entretenimento voltada às classes mais abastadas, o rádio é mais democrático e pode ser encontrado tanto nas famílias mais ricas, quanto nas mais humildes. De tal forma, o papel da música se faz importante para disseminar a ideologia entre os menos favorecidos financeiramente, ao passo que fixa a mensagem passada aos mais ricos anteriormente, no cinema.

Informação e entretenimento estão intimamente ligadas na obra de Orwell e no Estado Novo, isso porque, conforme podemos analisar, ambas tinham como objetivo persuadir a população para que aceitassem as ideologias disseminadas pelos regimes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo foi possível observar que, pelo fato de os objetos de estudo que compõem o *corpus* se situarem em um cenário de guerras e regimes totalitários, a forma como a manipulação e a censura aconteciam em ambos é bastante semelhante. O que nos faz refletir que não só *1984* é fidedigno à vida real quando comparado ao Estado Novo, como também as características dos governos autoritários da época eram bastante definidas e com objetivos claros.

Já no que tange à Indústria Cultural e ao esquematismo de Adorno e Horkheimer entendemos que, principalmente no contexto de governos totalitaristas, é necessário que as formas de entretenimento sigam um padrão e que esse se estenda para todos os meios

de comunicação, pois essa é a maneira de assegurar que as ideologias dos governos serão entendidas e, o mais importante, reproduzidas pela população.

Foi possível observar também que mesmo meios de comunicação pensados para o entretenimento, como o cinema, podem ser usados em governos autoritários como uma forma de difundir a ideologia partidária ao passo que diverte. Assim como as programações de rádio voltados para recreação.

O Estado Novo foi, como dito anteriormente, o primeiro regime totalitarista brasileiro, mas pela forma com que a evolução tecnológica se dá e pela constante e ininterrupta conexão da nossa sociedade não podemos descartar que um governo similar ao retratado na obra de Orwell venha a nos observar e governar.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. 254 p.

CAPELATO, Maria Helena. **Propaganda política e controle dos meios de comunicação**. In PANDOLFI, Dulce. **Repensando o Estado Novo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1999. p. 167-179.

GARCIA, Nelson Jahr. **Estado Novo, ideologia e propaganda política: a legitimação do estado autoritário perante as classes**. 29. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1982. 163

KOPP, Rudinei. **Quando o futuro morreu?: mídia e sociedade na literatura distópica de Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. 319 p.

ORR, Robert. **Reflexões sobre o totalitarismo**. In: CRESPIGNY, Anthony de & CRONIN, Jeremy (eds.). **Ideologias políticas**. Brasília: UnB, 1981. 111-126 p.

ORWELL, George. **1984**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 414 p.

TOCQUEVILLE, Alexis. **A democracia na América**. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1998. 597 p.